

RICARDO ANTUNES (professor do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp)

Estamos diante de um livro de fortíssimo impacto. Parece-nos difícil resenhá-lo na medida em que ele é, por um lado, altamente convincente, vigoroso, ousado, explosivo, denso, analítico, contestador e, por outro lado, problemático, por vezes impressionista, quase jornalístico e em alguns momentos insuficiente. Mas a sua dimensão primeira, de alta positividade, é muito superior à segunda. O que o torna um livro *privilegiado*, como poucos nesta época de conformismo e resignação quase absolutos, de encantamento com os valores do mercado, do capital, da produtividade, da institucionalidade, da ordem, das *indeterminações*, dos *estranhamentos*, das fetichizações, do fim da história e de tantas outras manifestações da *irratio* dominante.

O livro defende com enorme vigor e força uma tese central: a derrocada do Leste Europeu e dos chamados países socialistas não foi expressão da vitória do capitalismo e do Ocidente, mas a manifestação de uma *crise particular* que agora fura o coração do sistema mundial produtor de mercadorias. Foi, portanto, um momento de uma dada *processualidade*, da crise global do

Robert Kurz

O Colapso da Modernização (Da Derrocada do Socialismo de Caserna à Crise da Economia Mundial), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, 244 pp.

capital, que se iniciou pelo Terceiro Mundo, atingiu de maneira arrasadora o Leste Europeu e agora penetra agudamente *no centro* do modo de produção de mercadorias e da sociedade do trabalho *abstrato*. Nas palavras do autor: "O 'mercado planejado' do Leste (...) não eliminou as categorias do mercado. Conseqüentemente aparecem no socialismo real todas as categorias fundamentais do capitalismo: salário, preço e lucro (ganho da empresa). E quanto ao princípio básico do trabalho abstrato, este não se limitou a adotá-lo, como também levou-o ao extremo" (p. 29).

Os países do Leste eram parte "do próprio sistema produtor de mercadorias", constituindo-se numa *variante* deste e nunca em algo efetivamente novo e socialista. Aqueles que partem do *estatismo* existente no Leste para diferenciá-lo do capitalismo desconsideram que a formação social capitalista, em vários momentos, recorreu ao Estado para constituir-se e consolidar-se. O mercantilismo, a era Bismarck e o intervencionismo keynesiano são exemplos, sempre segundo o autor, desta recorrência. Sugestivo e altamente provocativo nas indicações e ilações teóricas, mas também enormemente *a-histórico*, Kurz procura mostrar como o "estatismo do socialismo real" encontra em verdade muita simi-

litude com o Estado racional burguês de Fichte. E até mesmo com o mercantilismo... Mercado planejado, direito ao trabalho e monopólio estatal do comércio exterior, presentes no "socialismo real", "foram pré-formulados pelo próprio capitalismo e por seus ideólogos progressistas à beira da industrialização; não são estranhos, em sua essência, ao capital ou ao sistema produtor de mercadorias, mas sim, características estruturais do nascimento histórico desses últimos" (p. 42). O culto do trabalho *abstrato*, levado ao limite no Leste, mostra como a crítica marxiana do fetichismo foi absolutamente desconsiderada, "eliminada e empurrada para um além teórico e histórico, difamada como nebulosa, ou degradada a um fenômeno mental puramente subjetivo" (p. 48).

Sem romper na interioridade com a lógica do sistema produtor de mercadorias, a "crise da sociedade de trabalho do socialismo real marca a crise iminente da moderna sociedade do trabalho em geral, e isso precisamente *porque* os mecanismos de concorrência tiveram tanto êxito e minaram e debilitaram de fato os fundamentos do sistema produtor de mercadorias. Faz parte da lógica desse sistema o fato de que os seus componentes mais fracos, no que se refere à produtividade e ao entrelaçamento, são os primeiros a cair no abismo de colapso do sistema..." (p. 90). Superadas as lacunas do texto da edição brasileira, que carece de imediata e imprescindível revisão, percebe-se nesta última citação que o autor entende a crise da modernidade em sua dimensão globalizada. Sem o princípio da concorrência, absoluta-

mente improdutivo e obsoleto no desenvolvimento tecnológico, o Leste viu germinar, simultaneamente, uma sociedade de escassez e desperdício. Quando o Ocidente vivenciou, nas décadas de 70 e 80, um significativo surto tecnológico, por meio da microeletrônica, a concorrência e a lógica do sistema mundial produtor de mercadorias acabaram por levar ao colapso terminal do "socialismo real", que "tinha que fracassar em sua própria irracionalidade interna, na forma-mercadoria levada ao extremo do absurdo e na relação insustentável com o exterior..." (p. 152). Desse modo, a transição pós-89, vivenciada pela URSS e pelo Leste, assemelha-os não com o Ocidente avançado, mas com uma realidade mais próxima do Terceiro Mundo. Este, na outra ponta da crise global do sistema produtor de mercadorias, já se constitui naquilo que o autor chama de "sociedades pós-catastróficas": " (...) o Terceiro Mundo ou já fracassou em sua tentativa de modernização (...) ou, no melhor dos casos, encontrou um *status* precário, no papel de países ascendentes, que permanece exposto à espada de Dâmocles do mercado mundial e, mesmo assim, já não permite um desenvolvimento interno da sociedade inteira" (p. 176). As raríssimas exceções não fracassadas da "industrialização para a exportação", presenciada em alguns países asiáticos como Coréia, Hong Kong, Taiwan e Cingapura, permanecem numa "dependência precária dos países ocidentais" e não têm vivenciado, até agora, o desenvolvimento de um mercado interno que dê fundamento a estes projetos

industriais, além de serem em sua maioria países pequenos, insulares, cujos projetos são irrealizáveis em países continentais. "A estrutura industrial insular que é capaz de concorrer no mercado mundial está unilateralmente orientada para a exportação, e o mercado interno não pode ser desenvolvido suficientemente porque a industrialização para a exportação, aparentemente bem-sucedida, não pode gerar, em virtude de sua alta intensidade de capital, o volume suficiente de capacidade aquisitiva interna; o fator decisivo nesse processo não é o salário baixo, mas sim a incapacidade destas produções altamente automatizadas de absorver massas suficientes de mão-de-obra" (p. 176). Kurz só pode visualizar, para o Terceiro Mundo, rebeliões sociais, movimentos inspirados no fundamentalismo etc. sujeitos sempre à intervenção de um "poder policial internacional" respaldado pela ONU. Tendo perdido seu papel de fornecedor de força de trabalho sub-remunerada e abundante para o capital produtivo, estes países, fora do embate tecnológico em que se encontra o centro, são expressão viva e real da outra ponta do *colapso*. Sua conclusão é aguda: "A lógica da crise está avançando da periferia para os centros. Depois dos colapsos do Terceiro Mundo nos anos 80 e do socialismo real no começo dos anos 90, chegou a hora do próprio Ocidente" (p. 206). A mesma lógica desigual que regulou as relações entre os países centrais e do Terceiro Mundo penetra no *interior* do Ocidente: "O que marca a próxima fase é que regiões inteiras estão 'caindo fora', morrendo em seu

papel de regiões industriais porque suas indústrias foram derrotadas na concorrência dos mercados mundiais e já não podem levantar o capital monetário para continuar na corrida da produtividade". E o autor está se referindo, aqui, aos países do centro. Os EUA e a Inglaterra "estão dissipando seus próprios recursos de capital monetário em um *consumo improdutivo a nível de potências mundiais*", consumo que não poderiam praticar há muito tempo (p. 211). Japão e Alemanha, os "vitoriosos", não têm como escapar desta lógica destrutiva que os movimenta: estão financiando, "há anos e em dimensões inimagináveis, seus sucessos de exportação nos mercados mundiais, emprestando às economias da OCDE, que de fato foram derrotadas na concorrência, os recursos necessários para a continuação da inundação com mercadorias importadas. Somente por isso, as economias perdedoras dentro da OCDE ainda não tomaram o rumo das sociedades pós-catastróficas do Sul e do Leste, porém à custa de acumularem verdadeiras montanhas de dívidas impagáveis" (p. 213). A conclusão do autor é direta: estamos entrando numa *era das trevas*, de conseqüências imprevisíveis. E, "uma vez que essa crise consiste precisamente na eliminação tendencial do trabalho produtivo (...) ela já não pode ser criticada ou até superada a partir de um ponto de vista ontológico do 'trabalho', da 'classe trabalhadora', ou da 'luta das classes trabalhadoras' ". O marxismo (e junto com ele o movimento operário) é "parte integrante do mundo burguês da mercadoria moderna, sendo por isso

atingido ele próprio pela crise" (p. 227). Apesar do enorme resgate que Kurz faz das formulações marxianas, neste ponto aparece a sua única (e forte) crítica: "Sem dúvida, revela-se aqui um dilema até hoje insuperado no centro da teoria de Marx. A afirmação do movimento operário (...) é na verdade inconciliável com a sua própria crítica da economia política, que desmascara precisamente aquela classe trabalhadora não como categoria ontológica, mas sim como categoria social constituída, por sua vez, pelo capital" (p. 71). O movimento operário, segundo Kurz, conduziu à emancipação *capitalista* dos trabalhadores, mas não é o *sujeito* capaz de levá-lo à emancipação *social*. E, com outra tese provocativa e ousada, finaliza seu ensaio: "O comunismo, supostamente fracassado, que é confundido com as sociedades em colapso da modernização recuperadora, não é nem utopia nem um objetivo distante, jamais alcançável, muito além da realidade, mas sim um fenômeno *já presente*, o mais próximo que encontramos na realidade, ainda que na forma *errada e negativa*, dentro do invólucro capitalista do sistema mundial produtor de mercadorias, isto é, na forma de um *comunismo das coisas*, como entrelaçamento global do conteúdo da reprodução humana" (p. 228). Na impossibilidade e inexistência de um sujeito coletivo capaz de superar a crise, no universo do mundo do trabalho, Kurz esboça sua proposição: toma-se necessária a busca de "uma *razão sensível*, que é exatamente o contrário da razão iluminista, abstrata, burguesa e vinculada à forma-mercadoria" (p. 232). Esta crí-

tica radical "teria de se emancipar completamente de suas idéias anteriores, já obsoletas" e para a qual a "esquerda, com todos os seus matizes, mostra-se completamente incapaz de dar uma resposta à crise" (pp. 226-7).

Trata-se, como procuramos mostrar, nestas páginas em que perseguimos a *imanência* do texto, de um ensaio ousado, rico, provocativo, contundente, polêmico e *problemático*. Texto no qual a prioridade é do *ontológico*, e a apreensão da lógica do objeto - a crise *contemporânea* do sistema produtor de mercadorias, do capitalismo - é perseguida em seus nexos essenciais e *totalizantes*. Pode-se dizer, sinteticamente, que *suas formulações acertam* no essencial, no *diagnóstico* da crise do capital dos nossos dias e *falham* nas visualizações, nas proposições, no modo de caminhar *para além do capital*. Talvez seja demais, nos dias de hoje, exigir tanto. Afinal, apontar o capitalismo como derrotado a partir da análise do desmoronamento do Leste Europeu não é pouco nem usual. E resgatar vigorosamente e sugestivamente a crítica da economia política de Marx para demonstrá-lo, é ainda mais incomum. Um livro que provoca e nos faz refletir e *repensar, pela esquerda*, sobre tantos pontos "inquestionáveis", também é outro forte mérito. Gostaria de concluir, entretanto, apontando *alguns* dos problemas que sua leitura suscita.

Primeira crítica: na recuperação ontológica do objeto, Kurz *suprimiu* a dimensão, decisiva em Marx, da *subjetividade*. Os seres e personagens do

capital e do trabalho são epifenômenos de uma lógica dada por um objetivismo férreo. Neste ponto, e inspirado no *tom* provocativo do texto, parecemos que o materialismo de Kurz é mais próximo de Feuerbach do que de Marx. Vale lembrar a *primeira tese* sobre Feuerbach: o principal defeito de todo o materialismo até aqui (incluído o de Feuerbach) consiste em que o objeto, a realidade, a sensibilidade só é apreendida sob a forma de *objeto ou de intuição*, mas não como *atividade humana sensível*, como *praxis*, não subjetivamente (Marx, "Teses sobre Feuerbach"). A lacuna que Kurz atribui a Marx é, em verdade, uma lacuna de Kurz: o seu entendimento do *fetichismo* como quase integral, insolúvel e irremovível obsta a existência ativa e a resistência efetiva dos sujeitos. Kurz aqui paga um preço desnecessário aos críticos da *sociedade do trabalho*, da qual ele tanto se aproxima como se diferencia. Próximo de Habermas (e por tabela de Gorz e Offé), Kurz se insere no universo dos críticos da centralidade do trabalho no mundo contemporâneo. Com uma significativa diferença: para ele, trata-se de eliminar a centralidade do *trabalho abstrato*, coisa feita também por Marx desde os estudos preparatórios para os *Manuscritos de 1844*. Porém, para Marx era imprescindível o resgate da dimensão *concreta* do trabalho, enquanto *atividade vital*, enquanto fonte criadora de *valores de uso socialmente necessários*, enquanto *protoforma* da atividade humana, para lembrar o *velho Lukács*. Kurz não é suficientemente claro a este respeito (o que é uma lacuna), mas sugere, num parágrafo,

uma pista relevante: "A *sociedade do trabalho* como conceito ontológico seria uma tautologia, pois, na história até agora transcorrida, a vida social, quaisquer que sejam suas formas modificadas, apenas podia ser uma vida que incluísse o trabalho. Somente as idéias ingênuas do paraíso e o conto do país das maravilhas fantasiavam uma sociedade sem trabalho" (p. 26). Apesar desta referência, Kurz parece ainda tributário, em alguma dimensão, dos adeptos da *crise da sociedade do trabalho*. Para sermos claros: uma coisa é o esgotamento da sociedade do trabalho *abstrato*. Outra, bem diferente, é a crítica que recusa um projeto societário que conceba o *trabalho* como *criador de valores de uso*, na sua *dimensão concreta*, como *atividade vital, desfetichizada*, como *ponto de partida* (e não de chegada) para a *omnilateralidade humana*.

Kurz centra toda a sua análise na prevalência da produção generalizada e destrutiva de mercadorias e na conseqüente teoria marxiana do valor-trabalho; uma vez que se reafirma contemporaneamente esta tese (o que é outro enorme mérito do livro), parece muito difícil negar a *existência objetiva* da contradição no interior do processo de valorização do capital. De modo que a luta objetiva entre a *totalidade do trabalho social* e a *totalidade do capital* não contradita a crítica marxiana da economia política, mas lhe é absolutamente essencial. Não são "duas lógicas históricas completamente diferentes", como quer Kurz, mas momentos intrínsecos de uma *mesma lógica*, da classe que cria valores e que exatamente por isso tem a *possibili-*

lidade de antagonizar-se ante o capital, de rebelar-se. Se a teoria do valor-trabalho é validada, a luta de classes é consequência inevitável daquela. Esta foi, inclusive, uma das aquisições ontológicas centrais do Marx que, na *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel (1844)*, concebia preliminarmente o proletariado como a "classe com cadeias radicais", e que posteriormente apreendeu o proletariado como a "mercadoria-força de trabalho que cria valores" e que vi vencia por isso a possibilidade real da contradição perante o capital. O ponto essencial remete a discussão para o universo das limitações *subjetivas* do mundo do trabalho, campo temático que, como vimos, Kurz recusa.

A sua crítica de que o movimento operário, neste século, esteve em grande medida atado à luta no universo da sociedade de mercadorias é rica e em boa medida verdadeira. Basta pensar nas enormes limitações da chamada esquerda tradicional. Mas não deveria permitir a Kurz chegar onde chegou: na ausência absoluta de sujeitos. Para Marx sempre foi muito claro que "o proletariado está obrigado a abolir-se a si mesmo", se de fato pretende a superação da sociedade do capital (Marx, "A Sagrada Família"). Desse modo, e se se quer ficar no essencial da discussão que Kurz suscita, a *classe-que-vive-do-trabalho* não esta *objetivamente* incapacitada para superar o capitalismo (como quer Kurz), mas somente poderá vir a fazê-lo se sua *autoconsciência* incorporar como momento *decisivo* a *auto-abolição de si mesma como classe*, o momento do *gênero-para-si*. O que, reconhecemos, é uma tarefa monu-

mental, e para a qual só uma *esquerda social, renovada, crítica e radical, de nítida inspiração marxiana*, forjada no interior do mundo do trabalho poderá, em nosso entendimento, implementar. A esquerda tradicional (do "marxismo" da era staliniana e stalinista) e a esquerda social-democrática estão, ambas, impossibilitadas para esta empreitada.

Segunda crítica: a assimilação entre Leste e Ocidente, se é verdade no que diz respeito a que ambos inseriam-se no universo do sistema produtor de mercadorias, não deve permitir uma *identificação tão plena* entre o que ocorreu nos países pós-capitalistas e os capitalistas. No debate presente neste número da *Crítica Marxista*, indicamos algo a respeito desta discussão. Não é por acaso que Kurz fala em "socialismo de caserna", "socialismo real", "regime protocapitalista", "sociedades capitalistas", "regime transitório pré-burguês", "mercantilismo tardio", entre outras denominações. Convenhamos, é muita imprecisão conceitual. Cremos que a Revolução Russa não foi burguesa em sua origem, como quer Kurz, mas pouco a pouco viu sua processualidade curvar-se cada vez mais à lógica mundial do capital. E aqui também Kurz auxilia, e muito, na reafirmação e demonstração desta tese.

Terceira crítica: Kurz tem boa dose de razão ao atar o marxismo do século XX à tragédia do Leste Europeu. *Mas exagera*, e por diversas vezes equivoca-se. Cito só dois exemplos: dizer que "Trotsky, em primeiro lugar, poderia ter-se tomado outro Stalin" (p. 50) só é aceitável quando o

»

império da objetividade é de tal tamanho, que suprime toda a dimensão *subjetiva*. De novo Kurz está muito mais próximo de Feuerbach do que de Marx. Do mesmo modo quando diz que nada se salva do chamado marxismo ocidental, "abstraindo-se algumas iniciativas isoladas, pouco claras e sem maior resultado". Este acabou sendo responsável pela "ausência de uma crítica do fetichismo" (p. 49). Da *coisificação* presente em *História e Consciência de Classe* até a *vigorosa teoria do estranhamento* encontrada na *Ontologia do Ser Social*, não foi outro o empreendimento enorme de Lukács, que pode até mesmo ter, para os seus críticos, muitas lacunas, mas por certo não foi "pouco clara e sem maior resultado". O mesmo poderia ser dito de Gramsci, que revigorou o marxismo contemporâneo, porque entendeu a dimensão *subjetiva*, a *mediação* política, a dimensão emancipadora da cultura etc. não como epifenômenos redutíveis a um objetivismo férreo. Neste capítulo Kurz é por demais entendendo-a como *mediação*, como faz Marx, não é desconsiderá-la, como faz Kurz, ou tratá-la como mero epifenômeno.

Último ponto: Kurz redesenha o *colapso* da sociedade produtora de mercadoria-dinheiro. E não vê uma saída *emancipadora* impulsionada pelas forças do *trabalho*, como também parece não considerar a hipótese de uma (re)ação *conservadora* das forças burguesas visando minimizar a crise e desse modo prolongar a sociabilidade regida pelo capital. Cremos, ao contrário, que ambas as alternativas se colocam: uma, a *reação do capital*, para tentar *amenizar* a *era das trevas*,

e, não deixar, com ela, desmoronar o *admirável mundo* do dinheiro. Evidentemente, para citar um único exemplo, o desemprego estrutural ampliado converte-se em um *problema* para os *sujeitos do capital* quando acarreta uma depressão acentuada do *mercado consumidor* a ponto de comprometer a integralização do processo de valorização do capital. A outra, a *ação do trabalho*, porque sob a ruína de uma experiência tentada e desastrosa, que foi a experiência do Leste, poderá talvez pela primeira vez neste século olhar para o Ocidente e para o mundo, e vê-lo sendo minado por sua própria lógica destrutiva. E ousar, de maneira crítica, renovada e radical, avançando para *além do capital*, lançando, "mais cedo ou mais tarde, o tabuleiro no chão" e dispensando "todas as regras da chamada civilização mundial", uma vez que "essas regras democráticas da razão mundial burguesa e iluminista são em sua essência abstratas e insensíveis, pois seu verdadeiro fundamento é o automovimento do dinheiro, abstrato e privado de sensibilidade..." (p. 199). E o livro de Robert Kurz é um alento e uma reflexão viva nesta direção, inconformado e anticapitalista que é, contraditando em alguma medida até mesmo uma de suas formulações, visto que se constitui numa expressiva reflexão e resposta de uma *subjetividade* que não se subordinou aos valores do capital e aos *estranhamentos* hoje tantas vezes cultuados, escrevendo um contundente ensaio contra a lógica e os mecanismos atuais da sociabilidade do capital. O que o torna um dos livros de maior impacto dos últimos anos.

ANTUNES, Ricardo. Resenha de: KURZ, Robert. O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 244p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.1, 1994, p.135-141.

Palavras-chave: Modernização; Socialismo; Crise econômica.